

## O Rapaz Quadrado

[Conto para contar]

*“Fiquei a pensar no que tinha lido e na maneira fascinante como abordaste alguns dos problemas sociais, ou mesmo doença social, mais brutal que existe, a meu ver, claro, porque são atos discriminatórios intencionais, repetidos, de violência física e psicológica, que podem levar à destruição total da vítima ou a traumas psicológicos irreversíveis [...]. Maria Mar. (Ver Notas finais).*

Era uma vez..., melhor, desta vez – porque, na verdade, nem era um verdadeiro anão -, um rapaz que havia nascido muito pequenino, com pouco mais de trinta centímetros.

Filho de pais de estatura normal, ninguém era capaz de entender e muito menos explicar porque o rapaz também não crescia como todas as outras crianças. Quando chegou o momento de entrar na escola, os pais ainda pensaram em escondê-lo, mas já toda a vizinhança falava do anãozinho.

E era sabido e certo que os inspetores do Ministério da Educação o iriam encontrar, por melhor que estivesse escondido, e aplicar aos pais uma grande multa. E até podia acontecer que, no seu alto critério de decisão, amarrassem o pai ou a mãe, durante um dia inteiro, no pelourinho da aldeia. Para mostrar a todos que a educação era um bem supremo que não podia ser descuidado nem pelo mais humilde aldeão.

Claro que o Ministério providenciava tudo. Transporte, três refeições por dia e professores experientes, alguns com cinquenta ou mais anos de ensino e que andavam com uma bengala de vime entrelaçado, endurecido em lume brando, que servia para se apoiarem e, sempre que necessário, manter os alunos na ordem das sacrossantas regras da disciplina e boa educação. As instalações, modernas e funcionais, estavam apetrechadas com todo o equipamento de

ponta necessário à aprendizagem e aos tempos de desporto e lazer. A imaginação era o princípio e o limite de tudo.

Só não havia maneira de fazer crescer uma criança que teimava em não acompanhar a natureza. As árvores e plantas medravam e cresciam por toda a parte, enchendo os olhos e as barrigas. Mas o Zacarias, o rapaz anão, não. O professor de educação física, com setenta e cinco anos, vociferava – com uma tosse cavernosa e uns esgares alucinados pelo meio - que nunca vira nada assim e obrigava o puto a correr à volta da Escola, até desfalecer sobre o muro de silvas. O médico, que passava por lá uma vez por semana para ver as línguas das crianças – ao que consta, só para justificar o trabalho, já que o astigmatismo e as cataratas pouco ou nada o deixavam enxergar -, dizia ao Zacarias sempre a mesma coisa: “- Come, rapaz, come e muitas vitaminas, muitas vitaminas!”.

E o Zacarias comia, mas nada de chocolates nem hambúrgueres ou outros produtos com excessivas calorias, que isso também estava regulado pelo Ministério da Educação. Sopa com verduras a todas as refeições, alternando entre a couve, o espinafre e a cenoura, tudo cultivado nos terrenos contíguos à Escola pelos pais dos alunos, também numa saudável alternância.

O problema era fora da Escola, em casa, onde matava a fome da dieta ministerial. E se nos outros não se notava tanto, aos poucos o Zacarias foi ficando quadrado. Durante as férias grandes, com noventa centímetros de altura, atingiu os oitenta e oito de diâmetro e um peso de quarenta quilos, acima do equivalente a um miúdo com doze anos de idade e um metro e meio.

Muita linguiça frita em banha de porco, alternada com torresmos com mais gordura que carne, inhame e batata-doce em abundância, pão e bolo de milho... Apenas alguns dos ingredientes que ia ingerindo após a Escola e aos fins de semana. E, na verdade, o médico não lhe havia dito para comer? E nas férias o Zacarias atafulhara-se mesmo. Acrescentando ainda figos, melancia e frutos da época, que ia deglutindo deitado, em longas sornas, sobre a terra quente ou os empedrados dos caminhos interiores.

A torna à Escola foi já de si complicada. Ficou entalado no banco da carrinha, enferrujada e esburacada sob os pés. E chacota dos colegas que, apesar de gordos, encontraram consolo no desgraçado mais disforme ainda. Depois, dos professores e do médico – que nesse dia até esperava pelos alunos, com as suas lunetas telescópicas – e lhe deu um puxão de orelhas que, por pouco, não o deixou desorelhado e surdo.

Claro que os inspetores, no fim do dia, estavam em casa dos pais de Zacarias, para tirar satisfações e aplicarem uma qualquer sanção. Mas do rapaz anão, que viera para casa na carrinha museológica da aldeia, nem rasto. E eram já sete horas da tarde. Um telefonema rápido do inspetor-chefe ao condutor do veículo confirmou que o Zacarias tinha saído mesmo à porta de casa, tendo-se libertado do banco com alguma dificuldade e saído pela porta com a ajuda de um empurrão das botas de um colega mais afoito e galhofeiro. Pormenores, resumidamente um pouco aquém da realidade, mas que sossegaram o corpo de Inspetores quanto à responsabilidade do Ministério. Notificaram, em letra de lei, os progenitores, a quem fizeram assinar de forma legível e partiram aborrecidos, não tanto pelo desaparecimento, mas sobretudo com o atraso provocado ao descanso e à janta que os aguardava.

Zacarias, mal saíra da carrinha, tinha, dissimuladamente, metido por um trilho pouco usado, que dava para o Enxurro<sup>1</sup>, uma das muitas terras que o pai detinha por sucessivas heranças. Ficava ainda a uma considerável distância da aldeia e tendo em conta que andava devagar e com dificuldade só lá chegou quando a lua cheia já brilhava no céu estrelado. Era uma terra tipo floresta, onde se andava por carreiros calcados entre os arbustos, repleta de pinheiros, faias e castanheiros, alguns centenários. Sempre gostara de ir com o pai à apanha das castanhas. Varejavam os ouriços<sup>2</sup> e estes caíam, de uma altura considerável,

---

<sup>1</sup> s.m. Grande quantidade de água que, correndo intensamente, tem origem no excesso de chuvas torrenciais; enxurrada. P.ext. Jato forte de águas sujas e lixo. [Dicionário Online de Português]. Provavelmente, a origem do nome do pedaço de terra.

<sup>2</sup> A castanha que comemos é, de facto, uma semente que surge no interior de um ouriço (o fruto do castanheiro). Mas, embora seja uma semente, como as nozes, tem muito menos gordura e muito mais amido (um hidrato de carbono), o que lhe dá outras possibilidades de uso na alimentação. As castanhas têm mesmo cerca do dobro da percentagem de amido das batatas.

abrindo-se e deixando as castanhas à mostra. De vez em quando, um rato acompanhava este trajeto, estatelando-se na terra ou amortecendo a queda nas silvas, saindo dali numa fuga desorientada e numa guincharia de ferir os ouvidos.

Agora, à noite, tudo parecia diferente e medonho. As sombras dos arbustos e dos galhos do arvoredo projetavam-se como braços gigantes, mãos com dedos alongados como a procurar presas na penumbra. Grilos e corujas faziam-se ouvir e mesmo o coaxar das rãs de um grande charco sob uma pequena cascata, rivalizavam numa sinfonia aparentemente desafinada e lúgubre. Sentiu um arrepio.

Mas a adversidade dera-lhe algumas vantagens. Sobretudo a de encarar com alguma naturalidade a indiferença e, pior, a animosidade das pessoas. Algumas até lhe atiçavam os cães, mas estes, por alguma razão ou mera solidariedade, nunca o haviam mordido. Pelo contrário, lambiam-lhe as pernas ou as mãos, o que irritava os donos que os chamavam enfurecidos, não raro com um pontapé ou com a vergastada de um bastão ou de alguma corda feita chicote. Apesar dos seus sete anos e da sua estatura, Zacarias tinha crescido, por dentro, com a força forjada dos enjeitados. Amadurecera prematuramente, posto de lado pelas crianças e diabolizado por todos. Ninguém com quem brincar, falar, contar histórias reais ou imaginadas. Nas aulas permanecia quase mudo, porque se falava só dizia asneira. Quase não lhe ligavam, porque era desperdício de tempo. Em casa as coisas pouco mudavam. Comia, dormia, fazia o que lhe mandavam, sempre criticado claro. E era toda a sua vida de menino.

Sozinho, no meio daquela floresta anoitecida, Zacarias deixou de ter medo. Os receios tinham dado lugar a um certo conforto. A uma sensação de bem-estar, entranhado na Natureza como se fosse a sua verdadeira casa. Sentia fome, muita fome, mas não havia nada a fazer. Andou até ao castanheiro de tronco mais largo – que nem dois homens abarcavam com um abraço -,

---

São também ricas em vitaminas C e B6 e uma boa fonte de potássio. Consideradas, atualmente, quase como uma “guloseima” de época, as castanhas, em tempo idos, constituíram um nutritivo complemento alimentar, substituindo o pão na ausência deste, quando os rigores e escassez do Inverno se instalavam. Cozidas, assadas ou transformadas em farinha, as castanhas sempre foram um alimento muito popular, cujo aproveitamento remonta à Pré-História. [Wikipédia].

aconchegou o chão com as botas e sentou-se, encostando-se na árvore gigante. Fechou bem a samarra, meteu as mãos nas algibeiras e cerrou os olhos, tentando descansar ou mesmo dormir.

.....

Uma aragem húmida, a anunciar o outono, soprava sibilante por entre a ramagem. A lua, agora coada pelos ramos enormes do castanheiro, parecia incidir, como um foco, sobre Zacarias... Ou melhor, sobre o local onde o rapaz se havia sentado e encostado. Vazio. Zacarias desaparecera. Os cães, que o procuravam, precedendo alguns aldeões que o pai arrebanhara, cheiraram insistentemente o chão e o tronco, mas voltaram para os donos sem rasto a seguir e não era por falta de experiência nas lides da caça.

As buscas cessaram ali. Por qualquer mistério, o rapaz havia desaparecido irremediavelmente. Já o Ministério da Educação não podia acusar os pais de Zacarias de falta de zelo ou de negligência. E estes libertavam-se de um fardo, de um peso morto, que só lhes complicava a vida. Uma lágrima, vertida à luz do candeeiro de petróleo, pela mãe, na presença da equipa de busca – que recebia uma recompensa reforçada de aguardente -, foi a única e última nota visível de sentimento de perda, de compaixão e luto, do rapaz quadrado.

Que lhe acontecera? Onde andaria se estivesse vivo? Perguntas que ninguém fazia e muito menos se preocupava em responder...

.....

Recuemos um pouco no tempo. A busca fora organizada ao fim da tarde, após os inspetores terem abandonado a casa de Zacarias. Mas só começou depois de todos terem jantado bem e descansadamente. Os cães seguiram facilmente o rasto do rapaz, obrigando o grupo de busca a andar um pouco mais depressa do que desejariam, apesar de, pelo caminho, irem abrindo e levando à boca amiúde os chifres de boi abastecidos de aguardente caseira.

Zacarias adormecera encostado ao castanheiro. Já se ouvia o ladrar dos cães quando um vulto agarrou o rapaz – ferrado no sono e dormente pelo frio e

humidade – e levou-o nos braços pelo trilho que conduzia à cascata<sup>3</sup>. Ambos se diluíram, como por magia, na água e depois na rocha, acedendo a um pequena área cavernosa. Zacarias foi colocado sobre uma espécie de cama improvisada de folhas de bananeira sobre tufos e terra amolecida.

.....

Amanheceu. A luz agora coada pela água da cascata rebrilhava em múltiplos e esvoaçantes cristais coloridos pelas paredes da caverna. À medida que os seus olhos se foram habituando à luminosidade e penumbra, Zacarias foi explorando o espaço, com um olhar perscrutador. A um canto, também sobre folhas de bananeira já amarelecidas, um ancião de longos cabelos e barba brancos e um cajado com estranhas cintilações, agarrado pela mão direita. O homem rodou um pouco sobre as folhas, olhando Zacarias com um sorriso aberto num rosto de rosa escarlate.

- Onde estou? - Perguntou Zacarias, espantado pela cortina de água e pelo som da cascata, mas não menos com o ancião que lhe sorria amistosamente.

- Não sei bem como te explicar, rapaz, porquê és ainda muito novo para compreender, mas sou um Guardião da Natureza. Podes achar-me velho, mas tenho muito mais idade do que possas supor. Centenas de anos. Tento, com muitos outros, defender a vida selvagem, as plantas e árvores autóctones, a biodiversidade. Já terás lido ou ouvido que brocas de prospeção partem muitas vezes e que plataformas de petróleo desabam, que serras quebram quando tentam abater árvores, que as balas não acertam nos animais, que as armadilhas desaparecem, quando os homens tentam destruir a Natureza e os seres que nela vivem. É isto que faço, mas somos muito poucos para evitar todas as mutilações e desastres que o homem provoca ao Ambiente. Nalguns casos, vão ao ponto de derramar crude nos mares, dizimando a vida marinha e a sua alimentação ou de plantar espécies infestantes que secam tudo à sua volta, como árvores de crescimento rápido para a indústria do papel. Somos nós que

---

<sup>3</sup> Por isso o cheiro do rapaz tinha acabado na árvore. O vulto não deixara rasto nem qualquer cheiro que pudesse ser seguido pelos cães.

intervimos, sempre que nos é possível, limpamos rios e mares, criando redemoinhos que sugam a sujidade e depositam os resíduos para reciclarmos. Somos nós também que atrofiámos as raízes de eucaliptos e de outras espécies que, aos poucos, vão transformando florestas diversificadas como esta em atentados à natureza. E tudo isto não chega ainda para reduzir o chamado buraco de ozono, que vai aquecendo o planeta Terra e alterando a climatologia, um pouco por todo o lado. Sei que não entendeste nada, mas sei também que ficarás com algumas destas ideias na tua memória. E, só por isso, já valeu a pena o que te disse.

- E vive aqui sozinho? - Quis saber Zacarias, estonteado com aquele discurso, anda por cima sem qualquer sentido para ele, que se limitava a acompanhar o pai, sem sequer lhe ocorrer questionar nada sobre o que fosse.

- Sim e não. Como Guardiã da Natureza venho muitas vezes aqui, por isso te encontrei hoje junto do castanheiro. Mas como membro do Conselho dos Guardiões, tenho uma enorme família que, se quiseres, poderás conhecer. Vivemos todos no interior da Terra, cerca de mil metros abaixo da Amazónia<sup>4</sup>, bastante longe daqui.

- Se é longe, como faz para vir até aqui e voltar?

- Boa pergunta, Zacarias. Estavas a dormir quando te trouxe para aqui, mas se estivesses acordado verias que isso não é um obstáculo. Nós viajamos de um modo diferente, através da desmaterialização e materialização. Dito de outro modo, desaparecemos aqui e aparecemos noutra local em poucos segundos, também com as pessoas ou objetos que estejam em contacto com o nosso

---

<sup>4</sup> A Amazónia (também chamada de Floresta Amazónica, Selva Amazónica, Floresta Equatorial da Amazónia, Floresta Pluvial ou Hileia Amazónica) é uma floresta latifoliada húmida que cobre a maior parte da Bacia Amazónica da América do Sul. Esta bacia abrange sete milhões de quilómetros quadrados, dos quais cinco milhões e meio de quilómetros quadrados são cobertos pela floresta tropical. Esta região inclui territórios pertencentes a nove nações. A maioria das florestas está contida dentro do Brasil, com 60 por cento da floresta, seguida pelo Peru com 13 por cento e com partes menores na Colômbia, Venezuela, Equador, Bolívia, Guiana, Suriname e França (Guiana Francesa). Estados ou departamentos de quatro nações vizinhas do Brasil têm o nome de Amazonas por isso. A Amazónia representa mais da metade das florestas tropicais remanescentes no planeta e compreende a maior biodiversidade em uma floresta tropical no mundo. É um dos seis grandes biomas brasileiros. [Wikipédia]

corpo, exceto debaixo dos nossos pés, porque estas sandálias são também um filtro para o teletransporte<sup>5</sup>.

- Como sabe o meu nome e como se chama? – Articulou Zacarias, perfeitamente atónito, aparvalhado melhor dizendo.

- Porque ouvi o teu pai e os homens que te procuravam dizer o teu nome. O meu é Zoosk. Mas, é a altura certa para te fazer uma pergunta, que tens de responder com sinceridade. Deixa a tua alma falar, entendes?

- Entendo. Devo responder o que sinto e quero mesmo, com o coração.

- Sim, exatamente. E a pergunta é... Queres voltar para tua casa, para a tua Escola, para a tua terra ou queres ir comigo conhecer a minha Comunidade?

- Quero ir consigo! – Respondeu Zacarias, sem hesitar, lembrando que ficar era mais do mesmo, para pior. Queria sonhar, pelo menos. E o Guardião dava-lhe essa oportunidade

- Muito bem, sei que estás a ser sincero. Dá-me a tua mão...

Num ápice ambos desapareceram. Após uma mancha informe, Zacarias começou a focalizar uma pequena multidão de anciãos, de homens, mulheres e crianças, que lhe davam as boas vindas.

Os anciãos, muito semelhantes a Zoosk, chamavam-se Zooak, Zoobk, Zoock, e assim por diante. As mulheres, já grisalhas, eram as Zmoak, Zmodt, Zmopt, etc.. As crianças, cujos nomes já nem ouvia, eram o Zaoat, o Zaoft... e as Zaont, Zaotk, etc.. A Zacarias pareceu-lhe que todos os nomes eram iguais. Zoosk entendeu e esclareceu que os nomes, de facto, eram muito semelhantes. Só variavam nas últimas três letras, sendo que a segunda letra indicava o estádio de desenvolvimento e função. “O” para Guardião, “m” para mulher e “a” para

---

<sup>5</sup> O teletransporte ou teleporte seria o processo de moção de objetos de um lugar para outro com a transformação da matéria em alguma forma de energia e sua posterior reconstituição em outro local, baseado na famosa fórmula de Einstein:  $E=mc^2$ . É importante ressaltar que teletransporte como definido aqui e na ficção científica, não tem relação com teletransporte quântico, um termo técnico-científico utilizado na Física quântica para denotar transporte de informação. [Wikipédia]

criança, jovem e adulto até atingir a idade de Guardiã ou de mulher reprodutora, altura em que mudavam de nome. As letras, inicial e final, “Z” e “k”, ficavam a dever-se ao considerado fundador da Comunidade – um terrestre que, numa história perdida no tempo, se entranhara pela Terra adentro -, que era a sua referência moral e que diziam chamar-se Zoork.

Por essa razão consideravam-se os zoorkianos. Os anciãos viviam até aos 450 ou mesmo 500 anos. Só que, por um fenómeno qualquer que ainda não tinham sido capazes de explicar, entre o nascimento e a idade adulta, aos 21 anos, decorriam apenas 10 anos terrestres. E dos 21 aos 100, idade em que se passava a Guardiã, cerca de 40 anos. A partir daí, a idade progredia, em média, cerca de 1 ano por cada 3 terrestres. As mulheres, a partir dos 21 anos ficavam em idade fértil, vivendo até a um máximo de 400 anos, mas só podiam dar à luz uma única vez. Considerando que as mulheres eram em maior número que os homens, cabia a estas a educação dos filhos e a administração de tudo, estando reservado aos homens a função de Guardiã, pelos perigos que corriam e pelas ausências por vezes prolongadas.

Zacarias tinha um nó no cérebro, que não havia maneira de desatar. Além disso estava cheio de fome. Muita fome. Um grupo de mulheres entendeu e levou-o para uma espécie de compartimento escavado em rocha e terra barrenta. Uma área de refeições comunitária, a avaliar pela mesa enorme e pelos assentos toscos de barro seco. Nem soube bem o que ingeriu. Talvez raízes, frutos, legumes, cogumelos... Mas soube-lhe bem e melhor ainda quando o conduziram a uma espécie de cama feita de tufos e musgos sob uma *colcha* tecida de casca de maçaroca de milho e de folhas de diversas árvores e arbustos, a lembrar as mantas de retalhos da avó.

Dormiu e dormiu, sonhando ora que tinha morrido e estava com várias camadas de terra sobre o corpo ou tinha sido enterrado vivo com minhocas famintas que o trituravam, ora que tinha dado entrada num céu qualquer com anjos e santos. Sobressaia *uma* anjo - se é que têm sexo -, a Zaogt. Uma rapariga talvez um pouco mais velha que ele, e isso também acabou com um

pesadelo, ela, ao cabo de 10 anos já velha e ele um jovem ainda... e quadrado. Que disparate de sonho, pensou ao acordar. Mesmo assim, no outro dia olhou melhor para Zaogt, que pareceu não lhe ligar nenhuma. Apenas um olhar esguio pelo canto do olho.

O grupo de mulheres encarregadas da Educação, depois de Zacarias ter tomado um bom banho num riacho de água morna, e comido um farto *qualquer coisa* que lhe soube bem, mandaram-no sentar naquilo que parecia uma sala de aulas e onde já se encontravam todas as crianças da aldeia, incluindo Zaogt. Embora já o tivessem conhecido, agora, sem os anciãos, olhavam para Zacarias com um olhar um pouco reservado e mesmo trocista, já que uma das matérias que se estudava respeitava aos seres humanos e este era, no seu estágio de desenvolvimento, um bocado estranho.

Na verdade, os zoorkianos eram quase iguais aos humanos, diferindo em alguns pormenores, como a cor da pele, mais rosácea, as orelhas ligeiramente mais pontiagudas e os olhos que, quando fechados, pareciam um traço e quando abertos ficavam em forma de amêndoa. Os membros eram também, em média, um pouco mais longos que os dos humanos, mantendo uma forma física invejável, embora não visivelmente musculada, apesar da força que eram capazes de aplicar. Ver um rapaz assim, quase quadrado, não deixava de ser uma novidade, cujo estudo seria aprofundado de certeza.

De facto, as Educadoras apresentaram de novo o rapaz, agora com mais pormenores. Enfatizaram o facto de ter querido, de livre vontade, fazer parte da comunidade, donde todos se deviam empenhar em ajudar a integrá-lo e em acompanhar os ensinamentos de modo a recuperar o atraso nos estudos, já que os zoorkianos começavam o ensino aos cinco anos de idade. Como expectável, abordaram também o tamanho, largura e peso de Zacarias, explicando que se devia a um fenómeno pouco usual causado por genes hereditários, mas também pelo regime alimentar. Assim, daí em diante seria acompanhado não só por um Educador dedicado como pelo ancião Guardião da Saúde, que fariam dele um zoorkiano em plenitude.

Zaogt olhou de soslaio Zacarias, agradando-lhe, pela primeira vez, que ele se tornasse um rapaz normal. Todos os outros, sem perda de tempo, olharam para a nuvem que uma educadora, com um simples gesto, abria na sua frente, com a projeção do sumário das muitas matérias que teriam de falar e aprender nesse dia. Zacarias, apesar de sentir que teria de se aplicar incondicionalmente, sentiu-se bem consigo mesmo. Era a primeira vez que não o gozavam ou riam da sua disformidade. E depois, aquele olhar de amêndoa doce de Zaogt dera-lhe um novo alento.

.....

Passou exatamente um ano. Nesse dia, na Escola, as Educadoras fizeram um ponto da situação quanto à evolução de Zacarias. Para espanto geral ou nem tanto - porque, durante esse ano, as amizades foram-se sucedendo, em particular com Zaogt, a quem entrelaçava as tranças douradas -, o rapaz inicialmente “quadrado” era agora uma belo zoorkiano, ultrapassando os próprios nativos em altura e elegância e em idade, colocando-se a par deles em conhecimentos. O Guardião da Saúde avaliara Zacarias como tendo agora 12 anos, mais um que a rapariga das tranças douradas. Tudo se devia ao regime especial que lhe havia sido aplicado com os conhecimentos científicos e tecnológicos dos especialistas zoorkianos.

Depois da Escola e antes do jantar, o Conselho de Anciãos, com a presença de Zoosk, exaltaram a transformação, consideraram que se impunha uma decisão definitiva. Por isso, Zacarias passaria a ser membro de pleno direito da Comunidade Zoorkiana, se ele concordasse e se não houvesse oposição justificada de nenhum outro membro. Zaogt, junto de Zacarias, deu-lhe o braço, num gesto de apoio inequívoco. Os restantes entoaram a canção da Comunidade - uma espécie de hino de incentivo e união dos zoorkianos. Zacarias apenas baixou a cabeça, com a mão direita sobre o coração, em sinal de assentimento incondicional. O ancião mais antigo disse então: “- A partir deste momento, és um zoorkiano e passas a chamar-te Zaozt.”.

.....

Com 22 anos de idade zoorkiana e ela com 21, Zaozt e Zaogt casaram. Impunha-se que ambos tivessem uma ocupação e preparação, respetivamente para Guardiã e para a administração da Comunidade, geralmente como ajudantes de outro guardião ou de outra mulher, até procriarem, momento a partir do qual teriam de dedicar 3 anos, em exclusividade, ao filho ou filha, retomando depois parcialmente as suas tarefas até a criança atingir os cinco anos.

Mas havia outras alternativas e Zaozt, com a concordância de Zaogt, escolheu ir viver para a sua aldeia natal durante uns anos. Não para se vingar de ninguém e muito menos dos pais, mas para tentar repor alguma justiça, porque os acontecimentos por ali pareciam um pouco descontrolados. Os pais de Zaozt e outros aldeões estavam a ser pressionados para venderem as suas terras por preços irrisórios, por um *testa-de-ferro* que representava um grande empresário da indústria de suinicultura e que iria construir grandes *armazéns* de porcos, encavalitados uns sobre os outros, só com espaço para comerem a ração e beberagens mais que duvidosas, que matariam lentamente os humanos com substâncias tóxicas e cancerígenas. E enquanto uns queriam vender, como o pai do desaparecido Zacarias, outros agarravam-se de unhas e dentes ao pouco que tinham, sabendo que dessas terras dependia a sua sobrevivência. O comprador não queria arriscar compras isoladas, que podiam por em causa o projeto megalómano que pretendia, pondo os advogados a pressionar ainda mais os renitentes.

A Comunidade concordou com a ideia de Zaozt, que consistia em comprar as terras à venda e as restantes, por um preço justo mas irrecusável, colocando-as à disposição de toda a aldeia e em tentar unir as restantes numa gestão única e em proveito de todos. Uma cooperativa, que rentabilizasse as colheitas, o leite e o fabrico de queijo, exportando esses produtos com um rótulo de qualidade. Nos primeiros tempos, ele próprio seria a cabeça da organização, deixando posteriormente essa tarefa a gente que fosse formando e que mantivesse o interesse coletivo.

Zaozt sabia de tudo o que se tinha passado com ele na infância. Viu na nuvem muitas cenas, mesmo a de falta de interesse dos pais do infeliz Zacarias. Isso tinha-o magoado, mais do que a zombaria dos colegas, uns tontos no final de contas. Mas, achava que isso só aumentava o desafio a que se propunha, pondo-o também a ele à prova. A Comunidade Zoorkiana pôs-lhe à disposição todos os meios necessários.

No primeiro dia do ano, Zaozk reapareceu na aldeia, apeando-se de um carro vulgar que se materializara uns poucos quilómetros atrás na estrada deserta. Conversou com o dono da única taberna do lugar, para saber a quem pertencia uma determinada casa abandonada, que queria comprar para viver por ali, já que lhe parecia um lugar calmo e sossegado. E também o alertou para que queria comprar muitas terras, por um bom preço, o que despertou enorme curiosidade. Conseguida a compra da habitação, de imediato apareceu um *rancho* de operários que nunca antes haviam sido vistos por ali e que, em menos de uma semana, refizeram a casa, pondo-a como nova.

Já instalado com Zaogk, Zaozk, depois de falar com o padre - a quem fez um generoso donativo para melhoramentos da igreja -, convocou toda a gente da aldeia para o salão paroquial. No dia da reunião, até o empresário, ele próprio, acompanhado pelo seu *testa-de-ferro*, queria saber quem era aquele homem que lhe estava a *lixar* o negócio. E também lá estavam os pais do *malogrado* Zacarias.

Zaozk apertou a mão de Zaogk quando viu os pais, mas conteve a emoção. Na Mesa improvisada da reunião do salão paroquial, além dele e da mulher, o padre ocupava o lado direito, dando a credibilidade pretendida. Zaozk disse palavras simples, com objetivos bem definidos e números apelativos. Explicou que era um homem abastado e que não pretendia a titularidade das terras, apenas a sua posse, voltando as mesmas aos seus proprietários se o projeto não desse frutos ao cabo de 2 anos. Apenas pedia 2 anos, só queria utilizar as terras e pagava um preço superior ao que lhes havia sido oferecido. Só exigia três coisas: que fosse ele a gerir a Cooperativa que iam criar, que as pessoas

que ele escolhesse tivessem vontade de aprender para gerir a Cooperativa no futuro e que todos trabalhassem com afinco, porque afinal de contas, as terras continuavam a ser deles e os lucros da Cooperativa a eles pertenciam. Os gestores ganhariam apenas um salário simbólico para pagar as despesas que pudessem ter, além, naturalmente, do rendimento das suas próprias terras. Se ao cabo dos dois anos, a Cooperativa tivesse lucros e todos se encontrassem satisfeitos, as terras passavam a ser propriedade da Cooperativa, que era o mesmo que dizer de todos. E caso fosse dissolvida, cada um receberia de volta o que antes era seu.

Quase nem houve perguntas. Estava tudo tão claro... Nem o tal empresário ousou usar da palavra. Os dias seguintes foram de grande sofrimento para Zaozk, apesar de todo o apoio e carinho que Zaogk lhe dispensava. Mas de repente...

O João da Matilde veio com uns papéis amarrotados, prova da propriedade das suas terras. Enquanto esperava na sala, Zaozk foi ao escritório, colocou os documentos sobre a nuvem, duplicando-os. Num outro documento, já preparado apenas com o olhar sobre o papel embebido na nuvem, colocou o nome legal do João. Voltou e pediu-lhe para assinar com ele, após lhe entregar as notas de euros correspondentes ao negócio. Foi ao escritório de novo, duplicou o documento e entregou a cópia, bem como os originais que lhe tinha levado. O documento era simples, cabendo numa simples página A4, dizendo apenas o que tinha prometido na reunião com todos e tendo feito questão que João lesse e compreendesse tudo muito bem antes de assinar.

Nos dias seguintes houve um autêntico corrupio. Ninguém questionava nada, apenas queria saber quando é que a Cooperativa começava a funcionar. O pai de Zaozt foi dos últimos a procurá-lo. Este pensou até que já não viesse. Velho, coxeando, deu-lhe alguma pena, mas não esquecera também os enxovalhos, as sovas, as humilhações. Não lhe queria qualquer mal e tinha de admitir que era o seu pai natural. Como não trazia os papéis do Enxurro e fazia questão de que essa terra fizesse parte da Cooperativa, combinaram que Zaozt passaria por

casa dele e faria uma cópia no carro, assinando o acordo nessa altura. Era um pretexto para ver a mãe, pensou consigo mesmo perante uma exceção que abria em todo o processo de negociação com os aldeões.

No dia seguinte, logo pela manhã, acabaram as últimas negociações. Depois do almoço resolveu ir a casa dos pais, acompanhado por Zaogt. O pai estava a cair os muros de entrada, com sinais visíveis de que exagerara no vinho do almoço. O cão, o Zanolho - apesar de ter uma visão melhor que muitos, mas porque as manchas de pelos junto dos olhos davam a ideia de serem tortos -, dormia pachorrentamente na terra quente da passagem para o tanque de água da chuva. Já meio entrevado pela velhice, abriu um olho, arregalou ambos e desatou numa correria maluca para Zaozk. Todos pensaram que o ia atacar, morder, pelo menos ladrar... mas não. Enrolou-se-lhe nas pernas, esperando que a mão do “rapaz quadrado” lhe fizesse festas na cabeça. Zaozk não foi capaz de recusar. Perante o espanto do pai e da mãe, que entretanto se abeirara, o Zanolho lambeu-lhe as mãos num gesto de ternura.

As desculpas foram desfeitas por uma frase gasta “- Pois, deve ter gostado de mim!”. Sem dar mais importância ao assunto, apenas contrariando a mãe quando quis expulsar a pontapé o cão de junto dele. – “Deixe estar, porque também gostei dele.”. Olhou melhor para a mãe, mais envelhecida que o pai, cabelo branco ralo, anunciando calvície. Olhos fundos sob umas olheiras negras. Cheirava a aguardente. Pelos vistos o almoço devia ter sido bem regado.

Feitos os papéis, Zaozk e a mulher que nem um olá tinha merecido da mãe ou do pai, vieram embora, com o Zanolho colado às pernas. “- Ah, pode levá-lo se quiser...” – Gritou a mãe, desdentada, num sorriso de quem preferia dizer: “- Leve-o, que é menos uma boca a sustentar e um emplastro a aturar.”. E o cão veio mesmo com Zaozk que, com a mulher, cuidaram dele a partir daí.

A Cooperativa nasceu e a adesão de todos foi notória. Os menos produtivos iam sendo enquadrados com alguma diplomacia e, de um modo geral, com resposta positiva. Apesar dos investimentos avultados, logo no primeiro ano o balanço foi muito satisfatório, perspetivando um crescimento significativo. De

facto, no segundo ano, já os produtos eram conhecidos em muitas partes do Mundo. Os lucros distribuídos, na proporção do contributo de cada um, deixaram a aldeia em euforia.

Conhecida no exterior, pela sua qualidade e prontidão de resposta aos seus compromissos, a Cooperativa revelava-se uma extraordinária fonte de receita de cada família e um empregador em grande escala, recorrendo a muitos trabalhadores de outras aldeias. Do individualismo improdutivo, tinha-se passado a um instrumento coletivo que, sem anular ninguém, potenciava as capacidades de cada um juntando-os num *todo* com identidade própria.

O trabalho de Zaozk aproximava-se do seu termo. Ali já pouco o retinha. Até o Zarolho, de velhice e de tanta pancada, sofrido de vida, tinha morrido aos seus pés, numa mansidão de morte natural e consentida. Em contrapartida Zaogt estava grávida. Daria à luz no verão desse ano, um rapaz, pela avaliação do Guardiã da Saúde, porque, de vez em quando, esgueiravam-se ao seu Mundo.

Zaozk, em meados de maio, preparou os outros membros do Conselho de Administração da Cooperativa para a sua renúncia a partir de julho, cabendo a eles decidir quem ficaria no comando e fazendo-os prometer que continuariam a observar os mesmos princípios que os tinham norteado até aí. Tinham de ser herdeiros e cumpridores dessa filosofia e práxis.

A Cooperativa ficou entregue a partir do dia 1 de julho aos administradores locais. A casa onde morava Zaozk e Zaogk ficou propriedade da Cooperativa a partir dessa data. O carro tinha sido vendido como sucata. Apesar da insistência, apenas disseram que iriam para o estrangeiro, de onde tinham vindo, porque a família precisava deles, e como Zaozk tinha dito, a sua presença ali seria temporária. Embarcaram na camioneta da carreira, apeando três povoações depois, onde, num descampado, voltaram à Comunidade Zoorkiana.

O rapaz nasceu a 16 de julho. Disseram logo: - Parecido com a mãe, mesmo igual ao pai. Os Zoorkianos também têm estes hábitos e tontices de carinho. Zaozk e Zaogt, em agosto, apareceram na casa dos pais dele, a coberto de uma latada de vinha. O pai de Zaozk, o Aníbal Cercal, estranhou a visita, gritando

pela mulher. Maria Zulmira, ao olhar para o bebê ao colo de Zaogt, disse num tom jocoso: “- Até parece o nosso filho, que desapareceu...”. Aníbal deu uma risada, acrescentando: “- Não liguem, hoje bebeu um copito a mais, o nosso filho morreu de doença, coitado...”

Zaozk, puxando a mulher contra ele, pela cintura, ficando com o bebê entre ambos, respondeu: “- Este é o nosso filho e o vosso neto!”... Cinco segundos depois, desapareceram.

Avelino Rosa

Odivelas, 05/10/2014

*Notas finais:*

1. Este conto foi feito com o intuito de ser contado a adultos e a crianças. Porém, quando contado a crianças deve ser simplificado e com as adaptações necessárias a não ferir a sua suscetibilidade ou causar emoções e desconforto evitáveis.
2. O conto presta-se a diversas interpretações do narrador, sendo uma delas da autoria de Maria Mar:

“Fiquei a pensar no que tinha lido e na maneira fascinante como abordaste alguns dos problemas sociais, ou mesmo doença social, mais brutal que existe, a meu ver, claro, porque são atos discriminatórios intencionais, repetidos, de violência física e psicológica, que podem levar à destruição total da vítima ou a traumas psicológicos irreversíveis.

O bullying, na escola, na aldeia e na família do adolescente Zacarias, pelo seu aspeto físico, provocou nele desespero, incompreensão, isolamento e solidão, que o levaram à fuga. Vai daí, transportaste-o para uma outra vida ficcionada, com normas e acompanhamento técnico de

saúde e educação (que deveriam ser as humanas, que lhe faltaram), permitindo a notável transformação física e mental do Zacarias.

Finalmente, e com auto estima, para lhe permitir sonhar e ser aceite pelos seus semelhantes, e não só, ao inverso do que poderia ter acontecido se não tivesse sido bem tratado, sem desejar vingança, ainda se propôs libertar as gentes da sua aldeia das garras dos exploradores.

O que mais me impressionou, de facto, foi o seu fiel amigo Zanolho, ter sido o único a reconhecê-lo e não mais o ter largado, nem deixado de mimar, morrendo certamente feliz, ao seu lado.

Grande lição de vida! Ao Zanolho nunca interessou que o amigo fosse anão ou quadrado, não interessou a sua cor ou raça, a sua profissão ou preferência sexual, ou a sua religião. Foi nele que Zacarias encontrou a comunicação e o amor que os humanos lhe roubaram, incluindo os pais, por mais absurdo que pareça.

Será que há outras maneiras de interpretar o teu conto?

Gostei tanto, que um dia destes contá-lo-ei, com simples palavras, claro, aos meus netinhos.”.

3. O autor autoriza, desde já, a narração deste conto, sem necessidade de qualquer autorização prévia, *exigindo apenas* que o narrador o entenda e sinta com a mesma emoção e sentimento com que foi escrito, escorrendo as palavras como um riacho quente e gélido, ao sabor dos dedos irrequietos e rebeldes.